



# Entre o racional e o inexplicável: aspectos do fantástico em *O gato preto*

Giovanna Laise Silva da Silva \*

Lara Maria Medeiros \*\*

Mariana dos Anjos Racca \*\*\*

Marina dos Santos Salatiel Braga \*\*\*\*

Sophia Fonseca Campanella \*\*\*\*\*

Amaury Garcia dos Santos Neto \*\*\*\*\*

## Introdução

O presente artigo é fruto de estudos empreendidos por alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ), membros do Clube de Letras, projeto atualmente capitaneado por Juliene Kely Zanardi (professora civil EBTT de língua portuguesa e respectivas literaturas) e Amaury Garcia dos Santos Neto (professor civil EBTT de língua inglesa), ambos docentes da Casa de Thomaz Coelho. O clube visa iniciar os alunos em estudos acadêmicos sobre textos literários. A partir da leitura de contos de diferentes autores, durante o primeiro semestre do ano de 2024, o grupo discente participante deste artigo decidiu abordar *O gato preto*, do escritor

estadunidense Edgar Allan Poe, como *corpus* para análise.

Durante os encontros do clube, chegou-se à conclusão de que seria apropriado abordar a obra tendo em vista aspectos relacionados à literatura fantástica. Para tal, decidiu-se utilizar como principal referencial teórico Tzvetan Todorov, que define de forma exemplar o fantástico em seus estudos. Analogamente, foi necessário discutir o papel do narrador. Com isso, o grupo deliberou apropriar-se das considerações de Wayne C. Booth. Assim, a proposta deste trabalho é esmiuçar as questões teóricas presentes no conto em estudo.

\* Aluno do 1º ano do ensino médio (CMRJ).

\*\* Aluno do 1º ano do ensino médio (CMRJ).

\*\*\* Aluno do 2º ano do ensino médio (CMRJ).

\*\*\*\* Aluno do 2º ano do ensino médio (CMRJ).

\*\*\*\*\* Aluna do 1º ano do ensino médio (CMRJ).

\*\*\*\*\* Professor EBTT de língua inglesa (CMRJ). Doutor em literatura, cultura e contemporaneidade (PUC-Rio).



## A teoria do fantástico

Tzvetan Todorov, teórico literário de extrema importância no século XX, define de maneira precisa a literatura fantástica nos seguintes estudos: *As estruturas narrativas* (2013) e *Os gêneros do discurso* (2018). De acordo com seus pressupostos, o fantástico encontra-se no limiar entre o maravilhoso e o estranho. Textos literários que apresentam o que Todorov chama de *estranho* mostram eventos que fogem do cotidiano, mas que podem ser explicados por meio da lógica. Já textos que lidam com *aspectos maravilhosos* apresentam eventos extraordinários, que não podem ser explicados pelo viés da racionalidade, parecendo pertencer a mundos de magia e/ou fantasia. Contos de fadas, apenas para citar um exemplo, pertenceriam ao campo da literatura maravilhosa. Já histórias de crimes, com assassinatos aparentemente insolúveis, fariam parte do campo literário do estranho.

De acordo com Todorov, assim como o estranho e o maravilhoso, o fantástico apresenta situações que fogem de eventos cotidianos (2013, p. 151-152). O leitor, entretanto, não consegue discernir se as ocorrências narradas são passíveis de explanação pela lógica ou não. A palavra-chave para a literatura fantástica é, portanto, a hesitação. Como leitores, hesitamos em relação ao que é narrado, ficando em dúvida se tais eventos efetivamente ocorreram da forma como são descritos ou não, se há alguma explanação lógica e racional ou se os eventos são sobrenaturais. Nas palavras do próprio teórico:

[A definição do fantástico] exige que três condições sejam preenchidas. Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de

pessoas vivas e a hesitar entre uma explanação natural e uma explanação sobrenatural dos acontecimentos evocados. Em seguida, essa hesitação deve ser igualmente sentida por uma personagem; desse modo, o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação se acha representada e se torna um dos temas da obra (...). O gênero fantástico é, pois, definido essencialmente por categorias que dizem respeito às visões da narrativa; e, em parte, por seus temas (Todorov, 2013, p. 151-152).

A hesitação, questão-chave da literatura fantástica, é elemento presente em narradores que o teórico literário Wayne C. Booth denomina como “narrador não confiável”, em seu livro *The Rhetoric of Fiction* (1983, p. 158-159). Trata-se de um narrador cuja credibilidade é comprometida, já que sua narrativa é impregnada por suas impressões pessoais. O leitor percebe que não deve confiar no narrador ao identificar contradições, incongruências ou até mesmo mentiras em seu relato. Esses fatores podem ocorrer com intencionalidade por parte do narrador, quando este busca deliberadamente enganar o leitor com subterfúgios; ou de forma não intencional, porque sua percepção dos eventos narrados é comprometida por questões diversas. A hesitação de um narrador indica sua incapacidade de compreender os eventos que relata, assim apontando para seu caráter não confiável. O narrador não confiável é, portanto, elemento de absoluta importância na literatura fantástica. Pode-se dizer que é por meio deste que a hesitação entre a possibilidade ou impossibilidade de explicar racionalmente os eventos descritos pode ser efetivada.

Conclui-se, então, que a literatura fantástica é um tipo de narrativa que depende da hesitação entre a explanação racional ou sobrenatural dos eventos relatados, hesitação esta que é expressa particularmente por narradores que põem em dúvida



a razoabilidade dos acontecimentos que narram. É necessário ter em mente que o próprio leitor deve experimentar tal hesitação para que leia o texto na chave da literatura fantástica.

Mantendo tais conclusões em mente, propomos passar, então, para uma breve exposição do autor e do conto escolhido como *corpus* deste artigo, para que, depois, possamos analisar, de forma mais pormenorizada, os elementos presentes no texto, que demonstram que se trata de uma obra de literatura fantástica.

## Edgar Allan Poe e *O gato preto*

Edgar Allan Poe foi um escritor, poeta e crítico literário estadunidense nascido em 19 de janeiro de 1809, em Boston. Publicou diversas obras de sucesso, dentre elas o conto *O Gato Preto*, em 1843. Poe teve uma vida conturbada, ficando órfão de sua mãe ainda em sua primeira infância, sendo abandonado pelo pai e posteriormente adotado por outra família. Além disso, depois de casado, perdeu sua esposa para a tuberculose. Passou a enfrentar dificuldades financeiras, muito por conta de seu vício em jogos e bebidas. Morreu em 7 de outubro de 1849.

O escritor foi profundamente influenciado pela escola gótica e é reconhecido como um dos principais autores da escola literária conhecida como Romantismo Sombrio. Esse movimento está intrinsecamente ligado a expressões de emoções complexas e aparentemente irracionais, característica do gênero do fantástico, ao qual pertence a maioria das obras de Poe. Outros elementos do Romantismo Sombrio presentes em sua obra são o pecado, a culpa e a autodestruição, marcados por cenas de violência.

A escola gótica, por sua vez, influencia o escritor na maneira como ele simboliza o pecado, utilizando criaturas aparentemente sobrenaturais.

O conto *O gato preto*, *corpus* deste artigo, inicia-se com o narrador, protagonista da história, apresentando-se como uma pessoa afeiçoada a animais. No começo da narrativa, ele e sua esposa possuem e cuidam de diversos animais de estimação, dentre eles um gato preto chamado Plutão. O animal e seu dono são inicialmente muito próximos. Em certo momento de sua vida, o protagonista desenvolve o vício do alcoolismo e, em uma noite de embriaguez, ataca seu companheiro, arrancando um de seus olhos com um canivete. Depois de o gato reestabelecer sua saúde, o narrador observa certo afastamento do animal. Por fim, decide matá-lo, enfocando-o em uma árvore em sua residência. Depois desse ato, a casa em que o homem e sua esposa vivem pega fogo, não restando nada além de uma parede divisória sobre a qual está gravada uma figura de um gato gigantesco com uma corda em volta do pescoço.

Durante um tempo, o narrador procura um novo gato preto, como forma de tentar substituir Plutão. Encontra um animal idêntico, exceto por uma mancha branca no peito. Depois de algum tempo de convivência, o humano descobre que o felino não tem um dos olhos e que sua mancha gradativamente se torna uma imagem de força. Sua confusão e medo são tão grandes ao ponto de levar o protagonista a tentar matar o gato com um machado. Sua mulher, porém, o impede. Em meio a um ataque de fúria, o homem a mata, acertando o machado em sua cabeça. O protagonista resolve esconder o cadáver, construindo uma parede em sua casa, emparedando o corpo. Depois de alguns dias, policiais, investigando



o desaparecimento da mulher, pedem para averiguar a casa. Descobrem o corpo emparedado, junto ao gato, sendo que o felino ainda está vivo.

Diante de tantos acontecimentos fora do comum, narrados ao longo da estória, o leitor pergunta-se se é possível explicar tais ocorrências pela lógica ou se devem ser entendidos como sobrenaturais. Nesse ponto, deparamo-nos com a possibilidade do fantástico. Propomos analisar o conto pelo viés da literatura fantástica na próxima seção.

## O fantástico em *O gato preto*: uma análise

Ao longo do conto *O gato preto*, o leitor percebe vários indícios de que lida com um conto fantástico. Há uma série de contradições no texto, indícios que sugerem que a narrativa que se desenvola pode-se encontrar no limiar entre o lógico e o ilógico, acentuadas pela constante narração de uma personagem cuja percepção sobre os fatos não é confiável.

A narração é feita em primeira pessoa, pela voz do protagonista, que é um alcoólatra. A partir disso, o leitor já sabe que será apresentado a uma visão provavelmente distorcida dos acontecimentos. Sua percepção da realidade também pode ter sido comprometida por conta de seu intenso sentimento de culpa, devido às atrocidades que comete. O primeiro indício da falta de confiabilidade do narrador surge na primeira frase do texto: “Quanto à narrativa fantástica, e ainda assim comum, que estou para escrever, não espero nem peço que creiam em mim. Eu seria mesmo louco se o esperasse, num caso em que meus próprios sentidos rejeitam suas evidências” (Poe, 2010, p. 49).

Embora, aparentemente, os eventos extraordinários possam assim ser explicados pela própria falta de credibilidade do narrador, há, em contrapartida, elementos que sugerem a possível presença do sobrenatural desde o início da narrativa. Ao falar de seu amor pelos animais, o narrador destaca, entre aqueles, que teve um gato, inteiramente preto. Ressalta ainda a superstição em relação a esses felinos, que, segundo a crença popular, eram considerados “bruxas disfarçadas” (Poe, 2010, p. 50). É justamente em torno desse animal que toda a narrativa se desenvolve.

Há uma série de contradições que vão se somando ao longo do texto, não apenas nos acontecimentos evidenciados, mas no próprio discurso do narrador. Isso fica patente quando diz que “lamentava a evidente repulsa que causava numa criatura que já me amara tanto. Mas esse meu sentimento logo cedeu lugar à irritação” (Poe, 2010, p. 52). Se sua irritação vinha de seu íntimo ou de forças supostamente sobrenaturais, o texto não deixa claro, pois, como o próprio narrador diz, um “espírito de perversidade veio para [sua] ruína final” (Poe, 2010, p. 52), levando-o a enforcar o gato. A contradição em seu discurso é flagrante, quando se lê que o protagonista “com o mais amargo sentimento de remorso no coração; pendurei-o porque eu sabia que ele me amava” (Poe, 2010, p. 53). Note-se que a palavra “porque” é destacada no texto, o que chama ainda mais a atenção à contradição entre o ato e sua motivação. Diante de tais acontecimentos, que não parecem fazer sentido à luz da razão, fortalece-se a impressão de que não se pode confiar nesse narrador e que, assim, o conto pertence ao campo do fantástico.

Depois de o incêndio destruir sua casa, fato que poderia ser explicado por um lampião sendo derrubado quando o protagonista chega embriagado, o texto descreve outro acontecimento que pode ser ligado à literatura fantástica:



As palavras ‘estranho!’, ‘extraordinário!’ e outras semelhantes aguçaram minha curiosidade. Aproximei-me e vi, como que gravada em baixo-relevo na superfície branca, a figura de um *gato* gigantesco (Poe, 2010, p. 54).

O leitor poderia vir a se perguntar se a personagem delira ou se há efetivamente algo sobrenatural a ocorrer. Entretanto, contradizendo as duas possibilidades, o protagonista conclui que as

paredes, ao cair, comprimiram a vítima da minha crueldade no gesso recém-aplicado, cuja cal mais as chamas e a amônia do cadáver foram responsáveis pelo desenho da forma como o vi (Poe, 2010, p. 55).

Essas transcrições demonstram uma hesitação do próprio narrador em relação ao que viu, mantendo o texto, portanto, na zona limítrofe entre o racional e o inexplicável, reforçando a possibilidade de questionar sua narração dos eventos.

A narrativa avança, chegando ao ponto em que o protagonista encontra outro gato, muito semelhante a Plutão. O leitor é levado a se questionar se a semelhança é simples coincidência ou se o novo gato seria uma possível “reencarnação” de Plutão, já que ele apresenta comportamentos anormais. O fator que intensifica essa hipótese é a descoberta de que o gato encontrado possui uma deficiência no olho, o que representaria a violência cometida pelo personagem principal a Plutão no início do conto. Mais uma vez, não parece haver explicação racional para os fatos narrados, mas não há nada que comprove o aspecto sobrenatural.

A partir da descoberta de tal similaridade, a atitude do protagonista para com o novo felino altera-se consideravelmente, como se pode ler nesta passagem:

Parte do que provocava minha repugnância pelo animal foi, sem dúvida, a descoberta, na manhã seguinte em que o trouxe para casa, de que ele também tinha sido privado de um dos olhos (Poe, 2010, p. 58).

O narrador passa a demonstrar um enorme temor pelo gato, além de um ódio descomunal.

A ambiguidade de sentimentos, expressa por repulsa e temor pelo novo animal de estimação, ganha contornos mais extremos quando a mancha branca do animal aparentemente muda de formato, sem explicações razoáveis. O narrador nos aborda diretamente, relatando o seguinte:

O leitor deve se lembrar de que essa marca, embora grande, originalmente era bastante indefinida. Mas, aos poucos – de forma quase imperceptível, algo que por muito tempo minha razão lutava para rejeitar –, ela foi assumindo um contorno rigorosamente distinto; até que, afinal, tinha se tornado a representação de um objeto que tremo só de dizer o nome – e por isso, acima de tudo, eu temia e odiava aquele monstro, e teria me livrado dele *se tivesse coragem*. A mancha era, agora, a imagem de uma medonha e assustadora FORCA! (Poe, 2010, p. 59).

A passagem acima escancara a contradição do narrador. O leitor não tem como crer no relato: por um lado, pode-se entender que há algo sobrenatural acontecendo, sendo o novo gato uma aparição do finado Plutão, que veio para amaldiçoar o protagonista por seus crimes; por outro, conclui-se que o narrador está tão cego por sua culpa e vício que é levado a enxergar coisas que não existem. O leitor, então, mantém-se em dúvida, sem saber se os acontecimentos efetivamente ocorreram como são narrados, sem conseguir precisar se há explicações racionais para o relato.

Apesar da suposta confusão mental, a personagem não hesita em agir de forma planejada, quando procura ocultar o cadáver de sua esposa, o que aponta para alguma lucidez. Ele faz planos, pensa em diferentes soluções, todas extraordinárias, já que lidava com um evento extraordinário:



Muitos projetos me passaram pela cabeça. Primeiro pensei em cortar o corpo em fragmentos diminutos e destruí-los com fogo. Depois resolvi cavar um túmulo para ela no chão do porão. Então ponderei quanto a jogá-la no poço do quintal; empacotá-la numa caixa, como mercadoria, com todos os procedimentos formais, e arrumar uma transportadora para tirá-la de casa (Poe, 2010, p. 61).

Decide-se, então, por emparedar o cadáver. Com o serviço finalizado, o homem sente orgulho do resultado: a parede não parece ter sido refeita, não há rastro de seu feito. O valor ao trabalho é tão grande que se entende que o narrador não teve nenhum ressentimento após emparedar a esposa, como se pode notar em suas palavras:

Ao terminar, senti-me satisfeito pelo trabalho benfeito. A parede não apresentava o menor sinal de ter sido trabalhada. (...) Olhei em volta, exultante, e disse para mim mesmo: 'Aqui, pelo menos, meu trabalho não foi em vão' (Poe, 2010, p. 62).

A contradição acentua-se pelo fato de a personagem ter dormido tranquilamente na noite em que matara sua própria esposa: "Sim, eu dormi mesmo com o peso de um assassinato em minha alma" (Poe, 2010, p. 62).

Passado algum tempo, um grupo de policiais chega à casa do homem para investigar, mas ele não sente receio algum já que acha o esconderijo que escolheu perfeito. O narrador, então, sentindo-se muito orgulhoso de seu feito, pondera com os policiais sobre a parede e, no meio do discurso, bate sua bengala nela, o que resulta em um grito saindo de trás dos tijolos.

Que Deus me proteja e resgate das presas do Arquidemônio! Assim que a reverberação do meu golpe na parede cessou, veio uma resposta de dentro da tumba! Um grito, em princípio abafado e quebrado, como uma criança soluçando, que cresceu rapidamente até se tornar um berro comprido, alto e contínuo, absolutamente incomum e desumano – um

uivo, um guincho lamentoso, misto de horror e satisfação, de um tipo que só poderia ter vindo do inferno, das gargantas conjuntas dos danados em sua agonia e dos demônios que exultam na danação dos outros (Poe, 2010, p. 64).

Essa é a descrição do miado do gato, que estava emparedado, ainda vivo, junto ao cadáver da esposa do protagonista. A narrativa aponta para elementos sobrenaturais, fazendo menção a demônios, mas o leitor pode perguntar-se se não se tratava apenas de um miado de um animal desesperado, que foi interpretado por seu dono com toda a carga de culpa que este carregava por seu assassinato. Mais uma vez, estamos diante de um exemplo claro de um narrador que em nada parece ser confiável, que parece confundir realidade com suas próprias ilusões. O leitor, então, hesita – não sabe se testemunha uma sequência de acontecimentos simplesmente estranhos ou se observa eventos que fogem à explicação racional.

## Conclusão

Diante dos fatos apresentados neste artigo, pode-se presumir que a presença do narrador não confiável no conto utilizado contribui para a incerteza e hesitação do leitor, por não saber se o que foi narrado é integralmente verídico no universo da narrativa. Tal incerteza, por sua vez, é um dos principais elementos que tornam essa obra pertencente ao gênero fantástico, pois faz o leitor duvidar a todo momento se os fatos narrados pertencem ao estranho, sendo eventos causados por coincidências e/ou pela embriaguez do narrador, ou ao maravilhoso, acreditando completamente na possibilidade do sobrenatural.



Os acontecimentos extraordinários relatados, as contradições e exageros presentes na narrativa, as hesitações por parte do narrador, a dúvida a que o leitor é levado, são todos elementos constitutivos

daquilo que Todorov descreve como literatura fantástica. Não se sabe se estamos no campo do racional ou do sobrenatural. Estamos, então, no domínio do fantástico.

---

## Referências bibliográficas

BOOTH, Wayne. **The Rhetoric of Fiction**. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

POE, Edgar Allan. “O gato preto”. In: POE, Edgar Allan. **Histórias extraordinárias**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.